

Representações (sociais) sobre o racismo no campo universitário.

Jefferson Marcos de Oliveira ¹

Raysa Camilla Monfort da Silva²

Vivian Silva ³

Resumo

O presente artigo buscou compreender como foram construídas as representações (sociais) acerca do racismo científico no Brasil, e como isto repercutiu para endossar o racismo na sociedade atual. Destacando as questões de gênero e raça e suas influências no perpetuamento das relações de dominação em uma sociedade patriarcal, a partir disto, debruçou-se na literatura especializada em questões étnico-raciais, de acordo com a(s) teoria(s) de Leila Gonzalez e Neuza Santos de Souza, para observar e entender como o racismo contribui nos processos de branqueamento dos currículos acadêmicos.

Palavras-chaves: Representações sociais; Racismo; Ciência; Mulheres.

1. Introdução

Essa pesquisa se filia a linha de pesquisa intitulada Grupos Sociais Vulneráveis contemplada no Edital nº 01/2021 do NUPEQ-UNIVISA. Inicialmente no projeto de pesquisa, esse estudo pretendia se somar na produção das investigações sociológicas que buscam compreender as formas de envelhecimento nas quais mulheres negras vivenciam esse período da vida a partir das dimensões de racismo e sexismo. Durante a

¹Bacharel em Psicologia do Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). E-mail: jefferson.2018187006@univisa.edu.br.

² Estudante do 9º período do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Acadêmico da Vitória de Santo Antão (UNIVISA). E-mail: raymonfort19@gmail.com.

³ Atualmente como professora no Cap- UFPE e no Centro Universitário da Vitória de Santo Antão/PE (UNIVISA). Possui graduação em Ciências Sociais pela PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Especialista em Projetos Sociais e Culturais pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Ciências Sociais pela UFPEL – Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: viviansilva@univisa.edu.br.

pesquisa foi perceptível que questões de raça e gênero são pouco debatidas em sala de aula, sobretudo nos meios acadêmicos.

A pesquisa proposta que se justifica com base em alguns aspectos que compõem o processo de formação universitária de futuros e futuras profissionais da área da Psicologia. A preocupação primeira se direciona a teoria das Representações Sociais para compreender a noção de racismo, explorando algumas percepções de alguns estudantes de uma instituição privada da zona da mata de Pernambuco. Neste sentido algumas inquietações são importantes: se os grupos vulneráveis, como a população negra, compõem parte do público usuário de serviços psicológicos, é de suma importância estudar, sociologicamente, como o racismo permeia as relações sociais estabelecidas nas práticas da Psicologia e no processo de formação nesta área do conhecimento.

2. Metodologia

A vigilância epistemológica proposta por BOURDIEU et.al (2015) enfatizada na necessidade do (da) cientista social estabelecer rupturas entre a opinião comum e o discurso científico. “A familiaridade com o universo social constitui, para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência porque ela produz continuamente concepções fictícias que proporcionam a ilusão do saber imediato” (BOURDIEU: 2015, p. 23).

Essa pesquisa foi construída a partir de revisões bibliográficas acerca da temática. A revisão de literatura foi proveniente de uma busca em um conjunto de bibliotecas digitais: Portal Periódico CAPES, SCIELO e na Revista Brasileira de Informação Bibliográfica Brasileira-BIB. Para contribuir com a revisão bibliográfica foi feita uma pesquisa exploratória qualitativa com 2 (dois) estudantes universitários, buscando contribuir com a análise dos dados coletados. O perfil dos entrevistados é composto por homens, um autodeclarado negro e o outro pardo.

3. Resultados e Discussão

No início do século XVII o método da ciência moderna tinha por objetivo melhorar a vida dos indivíduos na terra, através da coleta de fatos/dados com a

observação organizada sob o direcionamento de teorias (ARAÚJO, 2015). A ideia de ciência foi disseminada entre as categorias científicas com a intenção de implementá-la, ampliá-la, ou reformulá-la (ARAÚJO, 2015). Por isso, questionar os princípios utilizados para o desenvolvimento de um conceito universal do que seria ciência. Em um breve revisionismo histórico, observamos os sujeitos europeus e brancos ao qual ciência representava, sempre tiveram marcadores sociais definidos de gênero, raça e classe, e utilizavam como principal respaldo teórico evolucionismo social, e o darwinismo social, escritos que concerne a época que ocorria o fim do sistema escravista nas Américas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Com o fim do sistema escravista, os colonialistas precisavam construir uma narrativa que mantivesse a população negra subalternizada socialmente, para isso, desenvolveram essas conceitualizações, esses testes, e métodos que consistia em uma falsa equivalência entre brancos e negros. A crença de que há raças inferiores e superiores, presente no imaginário da sociedade, é reforçada até os dias de hoje, em discursos políticos, na mídia, em relações pessoais e grupais, como nos ambientes escolares e acadêmicos. Vale ressaltar, que ao pensar no racismo é preciso também pensar no sexismo, a crença que há um gênero superior e que todos os outros gêneros são inferiores.

Diante disso, a população negra é exposta a representação social de não conseguirem alcançar o “ideal” estando submetidos a constantes episódios de opressão. Traduzindo a realidade em números, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021), 76,2% das pessoas vítimas de mortes violentas no país são negras. Outro dado destaca que 66,3% da população privada de liberdade se identificam como negros(as), 48,6% possuem entre 18 e 29 anos. É o mesmo grupo correspondente às vítimas de mortes violentas, mostrando que o país não vive em uma “democracia racial” e precisa efetivar políticas públicas de inclusão social e de proteção à vida. Esses dados nos mostram as consequências do perpetuamento de um ambiente racista e sexista. Importante destacar que, mesmo que haja um possível aumento dos dados devido à pandemia os dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021) em 2019 nos mostram que houve uma instabilidade, isto é, mesmo com a diferença de 3 anos os números não possuem quedas fora da margem de erro. Em 2019 a média das mulheres negras (pretas e pardas) vítimas de violência corresponde a 27,7%. Esse fator se repete se analisarmos os números relacionados às vítimas de assédio.

Os dados apresentados acima demonstram e reforçam a ideia do perpetuamento das relações de dominação em nosso país. Mais da metade da população privada de liberdade se identificam como negros (as), isso demonstra a desigualdade social construída desde a “abolição” da escravização. A falta de medidas, implementação de políticas públicas, sobretudo do governo federal atual (2022), impossibilita a desconstrução das ideologias racistas, que considera o negro como inferior e que possui um lugar determinado, fixo e imutável na sociedade, determinando características morais e comportamentais, e a oportunidade de ascensão social para grande parte dessa população. Vale destacar, também, que quase 53% das mulheres que são agredidas fisicamente no Brasil são negras e esses números permanecem estáveis desde 2019 sem apresentarem tendência de queda. Esse fato demonstra que é preciso discutir questões de raça e gênero. Essas discussões são necessárias em ambientes acadêmicos, onde estão os futuros profissionais das diversas áreas do conhecimento e atuação.

Para a ideologia racista é um corpo que está submetido à servidão, tanto para cuidados familiares e domésticos como para satisfazer desejos e fantasias sexuais e propagar o mito da democracia racial. A mulher escravizada, muitas vezes, se tornava uma figura de desejo sexual para o seu Senhor que vendia e torturava os homens escravizados que seriam potenciais concorrentes. A discriminação também está presente na vida das mulheres negras de classe média, onde podemos entender a discriminação como aspectos comportamentais a partir de um preconceito estabelecido, assim ambos se convergem. As manifestações das discriminações se apresentam em todas as relações de dominação, sobretudo no que se refere ao gênero. (NEBRA; JESUS, 2011). A Autora Bell Hooks (2019), destaca que os homens negros também queriam ser reconhecidos como “homens”, levando em consideração a ideologia patriarcal que esse rótulo carrega, mas as mulheres negras não estavam dispostas a se conformarem com essas normas de gênero machistas predominantes, mas queriam que os homens negros fossem seus provedores e protetores. Mesmo após a libertação da escravização, os negros e negras continuaram reféns da economia branca racista, onde a masculinidade é definida como ideal sexual e na posse das mulheres. Diante disso, a ideologia racista foi se perpetuando em nossa sociedade, se manifestando e atuando nos meios acadêmicos, visto que as relações de dominação estão presentes, também nesses meios.

Os episódios de racismo podem estar presentes em revistas policiais em público, comentários depreciativos, discriminações, dentre outros, são frequentes também

quando há manifestações religiosas ou culturais de negros ou quando a pessoa negra conquista algo ou algum bem e é tida como exceção a “regra”. Portanto, há uma clara hierarquia entre “superiores e inferiores”, onde os brancos detêm o conhecimento, bens, a moral, a religião, padrões de beleza e papéis sociais mais valiosos para a sociedade e a pessoa negra deve seguir na base desse padrão, caso contrário é discriminada. Nota-se esses fatos na fala do universitário, lembrando seus tempos na escola, **K, 21, H**:

...Eu estava escrevendo, fazendo atividade e geralmente eu tinha um toque, que quando eu ficava fazendo um sozinho pela boca entrevistado faz um som pela boca um sozinho. E a professora: "K, cale a boca!" E aí eu calava, só que eu esquecia e automaticamente fazia de novo. E ela tinha um costume, que eu lembro até hoje, que ela chegava perto de mim e me dava um tapinha na cabeça e falava 2 a 0... Já teve um episódio que eu estava na quadra da escola sentado no meio, no centro, e aí uma garota chamada A. olhou para mim e falou: "Volta para o seu país, que você não é daqui, não sei o que você tá fazendo aqui, você não era para estar aqui!". Fora as inúmeras questões constrangedoras em relação a olhares, desconforto total. (Universitário, K, 21, H, Moreno).

Percebe-se portanto que, escolas e ambientes acadêmicos não estão livres de ideologias e atitudes racistas. Há um mito sobre a existência da Democracia Racial no Brasil,⁴ onde o país não possui qualquer episódio de preconceito ou discriminação e que as pessoas negras possuem as mesmas condições de toda população. Estar bem vestida(o), por exemplo, e ser educada(o) é uma construção social elaborada por uma ideologia supremacista branca, patriarcal e sexista. Portanto, o racismo e o sexismo são para além de questões de classe, mas isso não exclui a necessidade de debater a desigualdade social. As mulheres negras também são atingidas pela culpabilidade, uma vez que suas famílias são constantemente perseguidas, pela violência policial, por exemplo, e como doméstica trabalha para dá sustentação familiar para as famílias brancas. (GONZALES, 1984). Percebe-se uma padronização de normas estabelecidas, delimitando o que é aceitável ou não e/ou o que é bonito ou feito, impossibilitando a existência de outros costumes, vestimentas e outras expressões.

⁴ GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Rio de Janeiro, 223-244, 1984.

Desde a época colonial até os dias de hoje é perceptível a separação dos dominadores e dominados em relação ao espaço físico, a divisão racial do espaço, onde àqueles que viviam nas casas grandes hoje estão com condomínios e em bairros de luxo com garantia a segurança fazendo ronda, acesso a atividades de lazer. O negro que viveu na senzala hoje está nas favelas e periferias, vivendo com um claro déficit salarial em relação aos brancos, sujeito a alagamentos e perseguições policiais que são instrumentos de repressão, perpetuando a ideia de submissão do(a) escravizado(a) ao Senhor. (GONZALES, 1984). Na resposta do universitário, fica claro como a separação entre dominadores e dominados da época colonial ainda permanece vivo no imaginário da sociedade.

O discurso da supremacia branca patriarcal quer propagar a ideia de uma nação civilizada, onde inexistente qualquer tipo de discriminação, racismo, preconceito ou repressão. Utilizam o Maracatu, frevo e outras expressões culturais para mostrar uma imagem falsa e inexistente da democracia racial. Essa negação favorece a perpetuação desses mitos e reforçam as ideologias racistas, uma vez que não assumem a posição de dominadores para que não abram mão das suas posições de privilégio. Nas falas dos universitários que participaram da pesquisa exploratória, se percebe o mito da democracia racial, onde se nota que não há conhecimento sobre as expressões culturais afrodescendentes.

É! eu não entendo muita coisa, não cheguei a me aprofundar... Apesar de já ter ido lá no teatro de Jaboatão assistir uma apresentação que teve no final uma dança de frevo maravilhosa, em 2019. Mas assim, meu contato não é tão espesso, ele não é tão espesso com esse tipo de cultura. (Universitário, K, 21, H, Moreno).

Entendo que existem culturas afrodescendentes, não conheço muito a história, mas sei que de alguma forma elas representam um movimento cultural nessa questão racial. (Universitário, J, 17, H, João Alfredo).

Essa desinformação é construída desde o ensino fundamental e permanece nas formações profissionais, portanto nas universidades. A ideia de ser inferior transpassa a população negra em quase todas as aulas e livros que estudam, e ao concluírem determinado ciclo escolar ou acadêmico estão aptos a começarem uma vida de um homem branco. O avanço precoce da medicina africana é omitido, as táticas de guerra quando envenenavam as pontas das flechas não é encontrada facilmente nos livros, no

ensino das artes, por exemplo, é omitido que a Grécia recebeu influências da arte africana, na literatura mais clássica, o africano foi excluído e a língua o idioma africano não recebe nenhuma atenção. Essa ideologia não para nesse ponto, ela invade as academias, invade o ensino das profissões. (WOODSON, 2021). Por esta razão, Souza (1983) destaca que a população negra é constantemente violentada de forma cruelmente, por serem submetidos aos ideais brancos e terem que negar e anular seu próprio corpo, cultura e ideias, subtraindo o potencial de criatividade, evocação de habilidades positivas latentes, exploração de beleza e prazer. A negação da identidade negra imposta pela cultura de dominação é um instrumento de violentação e perpetuação da cultura racista presente no país desde a escravização.

O discurso meritocrático desconsidera as péssimas condições de vida que a população negra sobrevive, um exemplo são as escolas públicas que possuem estruturas precárias e ensino inferiores ao ensino de escolas de classes altas que são frequentadas principalmente pelos brancos e brancas. Sendo assim o acesso à academia é reduzido, contribuindo para a impossibilidade de ascensão social do negro e da negra e das ocupações de espaços científicos e do mercado de trabalho. E mesmo quando há a ascensão social de uma pessoa negra, rompendo as barreiras, é tido como uma exceção à “regra”, mesmo que a pessoa negra para alcançar uma ascensão social tenha que se submeter aos padrões brancos de relações sociais, contribuindo para a perpetuidade da hegemonia. Em relação ao Racismo institucional cabe ressaltar que essa manifestação é reforçada quando abordamos as questões de gênero, onde as mulheres possuem uma diferença salarial em relação aos homens, impossibilitando ainda mais que as mulheres negras consigam ascender socialmente. Portanto, o racismo não só se manifesta de forma verbal, mas também em todas essas formas, discursos e costumes que estão sendo abordados. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

As situações de racismo nem sempre são visíveis, uma vez que é fruto do imaginário social e de uma cultura racista, principalmente para pessoas leigas sobre o assunto pouco debatido. Também é importante destacar que não são todos(as) negros(a) que ao identificar os instrumentos de branqueamento dos dominadores se tornam ativistas de grupos identitários. Nota-se a presença do imaginário cultural como instrumento de branqueamento da identidade negra. Dessa forma é possível afirmar que o mito de democracia racial não só contribui para o perpetuamento desse imaginário cultural racista, mas também como instrumento de violência. Os negros e negras são

submetidos a dor de negarem suas identidades e tentarem se encaixar na branquitude. O Racismo e o sexismo se manifestam no branqueamento da população. O imaginário cultural como instrumento do branqueamento da identidade negra pode ser observado na fala do universitário **K, 21, H** quando se é falado sobre as religiões de matriz africana e a percepção dos indivíduos sobre elas,

“É... Senso comum, como eu lhe disse agora o candomblé é visto como coisa do demônio, que faz oferenda. E assim, eu cresci ouvindo isso, cresci em um contexto religioso. Então, eu meio que sou a contraproposta, eu bato se frente contra a maré que é a minha família, a religião e todos esses costumes conservadores.”
(Universitário, J, 17, H, João Alfredo).

Em um ambiente de formação de novos profissionais é essencial que se discuta relações raciais, não só nas ciências humanas, mas em todas as áreas, sendo instrumento de enfrentamento da cultura dominante patriarcal supremacista branca. Sendo assim haveria a possibilidade da desconstrução do mito negro e do o mito da democracia racial. Levando em consideração que o racismo “afeta o direito de ser humano, de existir, de ter tranquilidade” (ALVES; COSTA; CASTELAR, 2020, p. 2) se faz necessário que os cursos acadêmicos comecem a abordar ou abordem com mais frequência a temática, buscando a problematização das estruturas de saber e poder da nossa sociedade, o enfrentamento ao racismo, assim como sua constituição, deve ser estruturante, onde diferentes áreas do conhecimento participem. Quando perguntados sobre a importância de inserir nos cursos acadêmicos disciplinas que abordem as temáticas de raça e gênero, responderam:

Não sei, acho que não. É necessário que você faça um apoio a pessoas que passam por esse problema, mas chegar a inserir no currículo, não sei. Na verdade... pensando bem, acho que sim, porque é uma forma de você ter mais empatia pelo outro, e provar que você tem capacidade pra isso, na teoria, né? (Universitário, J, 17, H, João Alfredo).

Essa inserção nos currículos acadêmicos além de proporcionar uma melhor formação profissional, estimularia a autonomia e senso crítico científico dos estudantes.

O consumo passivo de informações e teorias contribuem no perpetuamento do branqueamento dos currículos acadêmicos.

4. Conclusão

A urgência de fazermos a conexão entre o racismo e a branquitude. É uma urgência histórica e social. Compreender os signos sobre raça, racialização e branquitude, é importante pois produz subjetividades, materialidades e ressonâncias na Psicologia e para a(o) profissional da Psicologia. Ademais, convida as pessoas brancas a se posicionarem em um movimento antirracista. Em síntese, compreender a discussão que o racismo no Brasil é um preconceito estrutural que se manifesta de diferentes formas, em diferentes instituições e em diferentes contextos sociais como no campo da educação. O racismo patriarcal em nosso país faz parte do imaginário social perpetuando mitos como o da democracia racial, negando expressões culturais e oprimindo a existência da população negra. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017)

Essa forma de opressão, infelizmente, também está presente nas universidades, onde assuntos de raça e gênero são pouco debatidos e explorados e quase inexistentes nos currículos acadêmicos dos diversos cursos, produzindo profissionais passivos e não ativos. Esse branqueamento dos currículos contribui no perpetuamento da ideologia racista, na perpetuação das relações de dominação e na negação da cultura e expressões da população negra.

Identificar o processo sócio-histórico e subjetivo, a partir das representações sociais se interconectam com a noção da pesquisa sobre a realidade social que perpassa a vivência da população negra, dessa forma perceber ações que garantam a igualdade racial desses marcadores sociais, assegurando direitos básicos que concernem as necessidades específicas desses sujeitos de pesquisa.

5. Referências

ALVES, M.C.; COSTA, E. S.; CASTELAR, M. Psicologias antirracistas: Desafios epistemológicos, metodológicos e ético-político. **Psicologia: Ciência e Profissão**,

[S.L.], v. 40, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003052019>>. Acesso em: 29 de jan, 2022.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. Disponível em:

<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1895097/mod_resource/content/1/03_OBBOURDIEU.pdf> Acesso em: 29 de Jun. 2022

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os. Brasília: CFP, 2017. 147 p. ISBN: 9788589208673. Disponível em: <www.cfp.org.br> Acesso em: 18 de set, 2021.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência, afinal?.** Sao Paulo: Brasiliense, 1993.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Visível e Invisível: A Vitimização de mulheres no Brasil. 3 ed. São Paulo: Instituto Datafolha, 2021. 44 p. ISBN 9786589596080. Disponível em: <www.forumseguranca.org.br> Acesso em: 07 de nov, 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Visível e Invisível: A Vitimização de mulheres no Brasil. 2 ed. São Paulo: Instituto Datafolha, 2021. 50 p. Disponível em: <www.forumseguranca.org.br> Acesso em: 07 de nov, 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2021. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <www.forumseguranca.org.br> Acesso em: 07 de nov, 2021.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje, Rio de Janeiro, 223-244, 1984.

GUIMARÃES, A. S. A. Como Trabalhar com “raça” em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan/jun. 2003.

HOOKS, B. **Ensinando a Transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. **Olhares Negros:** raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1983.

TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. **Psicologia Social:** Principais temas e vertentes. In: NEBRA, A. R. P.; JESUS, J. G. (Orgs.). Preconceito, estereótipo e discriminação. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 219-237.

WOODSON, C. G. **A deseducação do negro.** Tradução de Naia Veneranda. São Paulo: Edipro, 2021.